

## Capítulo 4 – A jornada da heroína lésbica: da descoberta ao relacionamento na prática

Renata “Diana Prince” Figueiredo

*Uma mulher sobre outra mulher  
não é preliminar é pré-histórico  
(Maria Isabel Iorio).*

*Para chegar ao durante, vale contar um pouco de antes (ou era uma vez uma heroína confusa...)*

Meu nome é Diana Prince, mas vocês também me conhecem como Mulher Maravilha. Ao longo desse texto, espero que consigam entender como e quando eu descobri meus superpoderes e me transformei. Prometo ser totalmente sincera. Prefiro explicar tudo o que me aconteceu na ordem cronológica, porém nem sempre linear. Convido a todos para uma leitura sem pré-julgamentos ou pedras nas mãos. Venham comigo!

Não sei dizer se nasci lésbica. Provavelmente não. Diante de todas as discussões sobre gênero e orientação sexual, talvez eu me entenda como bissexual. Sou um pouco descolada da atual fixação política sobre a afirmação identitária e não costumo gastar uma considerável parte do meu tempo procurando o mais confortável ou mais desafiador rótulo para mim, mas admito que, sim, isso tem um determinado grau de importância.

Por mais que eu tivesse, desde pequena, algumas inclinações afetivas e encantos por outras garotas, eu também sentia tudo isso pelos garotos. A grande diferença é que sendo parte das bilhões de exemplares humanas do sexo feminino crescendo e aparecendo num mundo heterossexual, paternalista e machista em amplo espectro, fui naturalmente impelida pela sociedade a encorajar o lado hétero e suprimir totalmente o lado homo desde quando o

desejo era um frio na barriga, uma excitação escondida pelo meu olhar tímido e meu disfarce de garota rebelde no pátio do colégio de freiras, num longínquo bairro da zona norte de São Paulo.

Com eles, eu deixava acontecer. Com elas, era proibido. Na adolescência, ainda antes das primeiras experiências sexuais com eles, eu vivia com elas a idealização de paixões clandestinas no calor do meu travesseiro, no silêncio do quarto que eu dividia com a minha tia. Sonhava que morava com elas, me relacionava com elas e transava com elas, porém mantendo-as como amigas de fachada, sem assumir um casamento. Éramos “melhores amigas com benefícios”.

Trancada dentro do armário, na minha imaginação, o modo de acomodar as coisas, corresponder à sociedade e saciar todas as minhas vontades consistia numa vida dupla: com eles eu teria um casamento pleno e uma família feliz, com elas eu teria todos os arroubos românticos e as fantasias eróticas sem assumir um relacionamento. No fim das contas, era um banquete de autoindulgência e amor bifurcado e bissexual, mas com uma metade às escondidas. Eu me aceitava e me reprimia numa montanha russa de sensações antagônicas que me faziam sofrer pela impossibilidade de ser quem eu era na íntegra, sem cortes.

Na vida real, porém, eu afastava dos meus pensamentos qualquer desejo homossexual e ficava ali, feito uma alma penada entre alguns homens, que tampouco eram os príncipes encantados ou os musos eróticos dos meus sonhos e fantasias. Eram homens bem comuns, que me transmitiam alguma segurança e comodidade, pessoas que eu conseguia administrar sem muito esforço. Eu sei, estou narrando um clássico, um clichê total, sou praticamente uma mocinha-chavão. Mas eu vivia nessa névoa de confusão juvenil enquanto mostrava ao mundo uma carcaça pouco apegada, pouco romântica, mas muito atirada e moderna, ainda que até a página 2, enquanto a culpa católica me assombrava.

Eu era muito boa de baladas, de festas, de noite, de zoeira sem fim, de discussões acaloradas sobre política, cultura, sociedade e até mesmo sobre sexo, com mil teorias sobre relacionamentos e

muitos pitacos sobre os namoros dos outros na mesa do bar. Supostamente, vivia bem e muito intensamente dessa maneira despachada e cheia de certezas. Na prática, porém, me sentia uma mini fraude. Fui apaixonada por três rapazes diferentes, apaixonada de verdade. O problema é que eles sempre me pareciam inatingíveis para um namoro de longo prazo, daqueles bem sérios, de apresentar para a família e desfilar no shopping center. Um era mais velho, o outro já tinha compromisso, o terceiro não era para o meu bico por qualquer outro motivo.

Enquanto eu idealizava cada um desses amores impossíveis, me divertia com os outros. Tive vários, às vezes até mais de um simultaneamente. O auge foi quando apresentei dois namorados – não sérios, é claro – na mesma festa de aniversário! O mais interessante é que um não sabia do outro e nenhum amigo meu contou a eles o que se passava. Acho que eu não me dava conta do quanto os objetificava. Mas o fato é que eu vivia insatisfeita com a minha vida amorosa e nada disso me preenchia para além de camadas muito superficiais. Tanta fartura por nada.

O sexo, que começou péssimo com os primeiros carinhas, foi melhorando aos poucos, mas ainda era muito aquém do que eu gostaria lá pela casa dos meus 25 ou 26 anos. Mesmo assim, segui colecionando histórias e ampliando meu repertório sexual com base em curiosidade e gosto por aventuras. Minhas amigas, do alto de seus namoros heterossexuais monogâmicos e padronizados, gargalhavam quando me ouviam contar. Vale ressaltar que eu tinha com a maioria deles relacionamentos heterossexuais até que bastante ricos de amizade e troca intelectual, sendo que alguns desses acompanhantes frequentes se tornaram bons amigos coloridos por anos. Contudo, quando algum deles tentava um relacionamento sério e assumido, eu escapulia feito um peixe escorregadio.

Com 27 anos, a coisa ficou incontornável. Me vi platonicamente apaixonada por uma mulher e só me dei conta disso com toda a força e verdade possível quando ela anunciou que se mudaria de país. Fui tomada por um desespero total, chorei por mais de 1 mês ininterruptamente, emagreci de luto, sequei por

dentro e por fora. Ensaiei, pensei, hesitei e não me declarei. Ela se foi sem saber o que eu sentia. E eu me dei conta do quanto era nocivo, daninho e triste para mim me esconder em relacionamentos sem intimidade real, que aconteciam da porta de casa pra fora, num sexo qualquer com aqueles homens sem significado amoroso para mim, ao quais eu provocava ou cedia quando ébria ou apenas por esporte, por mero instinto da vez.

*Um “outing” lento, errante e experimental - ou o percurso de Diana Prince à Mulher Maravilha*

*e na maciez do leito jovial...  
satisfazias tua volúpia...  
(Safo de Lesbos)*

Aos 28 anos, dei o primeiro passo sólido rumo ao mundo do amor entre mulheres. Meu percurso não foi tão simples, parecia mais uma maratona com barreiras. Minha primeira experiência lésbica foi com uma carioca de olhos verdes, dona de um corpaço e muitíssimo atraente, numa relação de ponte aérea, sem convívio diário, mas cheia de passionalidade, loucura, catarse, altas temperaturas. Fogo, mas não só. Era como se os quatros elementos da natureza tivessem despertado simultaneamente seus fenômenos mais furiosos dentro de mim. Sim, é brega, mas o que posso fazer? Acontece que a mocinha em questão, apesar da personalidade solar e vibrante, era uma bela de uma moralista habituada a ditar regras – e que morria de medo de quem quebrasse essas regras. Acho que ela havia se excitado com a (comum) disputa das lésbicas pela conversão das garotas hétero, ou seja, pelo rito de passagem da carne nova no pedaço. Mas depois, nossas expectativas se desalinham.

O resultado é que eu terminei em frangalhos depois de algumas idas e vindas, ilusões perdidas, decepções, coração partido, coisa de poeta maldito francês, só que em versão feminina, lésbica e “paulistana, meu”. Fiquei me sentindo incompleta, injustiçada e impedida de consumir o relacionamento como eu

gostaria. Uma das justificativas dela para pular fora de um relacionamento mais sério e longo comigo era o fato de que eu parecia “hétero demais”. Havia, sim, um forte ciúme pelo meu passado com homens e pelo fato de que eu talvez pudesse voltar a estar com eles. Eu, aliás, deixava claro que não havia vestido a camisa do Lésbicas Futebol Clube, jurado bandeira, cantado o hino e comprado toda a discografia da MPB Sapatão, decorado todas as letras de Ana Carolina, Martinália, Maria Gadú, Joana e Simone. Eu não estava disposta a fazer isso. Eu não me identificava com elas e achava a música delas muito, mas muito chata.

Em termos de MPB Sapatão, aliás, eu ficava no máximo entre Gal Costa, Maria Bethânia e Marina Lima, a mais cool de todas. Ok, menção honrosa para a louquíssima Ângela Rô Rô, grande figura. Mas minhas lésbicas favoritas eram, na verdade, gringas e desconhecidas do repertório da nação sapatônica made in Brazil. A principal delas era a canadense kd lang (em minúsculas), com sua voz volumosa, capaz de encher uma rua com a emoção que ela quisesse e sem o menor esforço; ela e seus flertes com o jazz, o country e a pop music; ela e sua presença andrógina, magnética, provocadora e sexy nos cliques que a MTV exibiu nos anos 1990; ela e suas letras claramente endereçadas a elas.

Em “*Sexuality*”<sup>6</sup>, por exemplo, kd lang primeiro impõe uma aura musical de mistério que eclode num clímax similar ao orgasmo feminino e exprime todo o tesão que eu estava pronta para dar e minhas altas, altas expectativas no mundo homossexual feminino. “*Ora, ora/ Mande um beijo para aqueles /Que dizem que seu tesão é errado (...) Lance seu corpo sobre mim/ Liberte-se das amarras da castidade/ Despeje a sua sexualidade em mim*”. Já em “*Hush Sweet Lover*”<sup>7</sup>, ela decifra todos os meus desejos. “*Apaixone-se, doce amada/ Me dê tudo/ Tudo o que você pode dar*”. Por fim, no hit “*Constant Craving*”<sup>8</sup>, estava “matadoramente”

---

<sup>6</sup> “*Sexuality*”, de kd lang; do álbum: “*All You Can Eat*”, 1995. (Warner Bros).

<sup>7</sup> “*Hush Sweet Lover*”, de kd lang, do álbum: “*Even Cowgirls Get The Blues*”, 1993 (Warner Bros).

<sup>8</sup> “*Constant Craving*”, de kd lang, do álbum: “*All You Can Eat*”, 1995. (Warner Bros).

estampada a confissão da minha condição incompleta e em plena busca de correspondência. *“Mesmo na mais obscura camada/ Seja espessa ou fina / Há sempre alguém marchando bravamente/ Sob a minha pele/ Tem sido uma constante ânsia/ Desde sempre”*.

Perdi o rumo durante um bom tempo. Fiquei num elo perdido. Quem eu era? Onde eu estava? Para onde iria? Como e quando conheceria outras mulheres se praticamente toda a minha turma era heterossexual, com a exceção de uma amiga lésbica que morava fora do país e de apenas um ou outro amigo gay? Como é que eu faço para catar os cacos do chão e partir para outra? Quem é a outra? Será que eu devo voltar para os outros? Era como se eu estivesse me sacudindo no liquidificador da modernidade líquida de Bauman (2001): o mundo me pressionava para seguir adiante, para não me apegar a ninguém, para gozar da fartura de opções, mas eu ainda estava apaixonada por ela, julgando que nunca mais encontraria ninguém, muito menos outra garota tão bonita.

Ou como diria o próprio Bauman (2001), no prefácio de seu clássico *Modernidade Líquida*:

“Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. [...] Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. [...] Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam” [...]. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase [...] na história da modernidade. (p. 7).

Como se não bastasse o fato de que a partir daí, e durante um tempão, minha vida se tornaria uma busca incessante e errante pelo verdadeiro amor, eu ainda tinha que compreender, aceitar e lidar com a própria fluidez do meu desejo sexual.

Eu estava obviamente muito mais interessada nas mulheres e na exploração daquela imensa descoberta recente, em busca de algo sério com uma delas. Queria encontrar alguém especial, mas estava difícil. Entretanto, não tinha simplesmente perdido a atração por

eles. Sabe aquela história da pessoa que busca um relacionamento sério, mas adere ao “ninguém é de ninguém” no Carnaval? Pois bem, eu tive vários carnavais, inclusive fora de época. Conheci várias pessoas. Se desse certo e virasse algo perene, bingo! Se desse errado, pelo menos, em tese, eu estaria vivendo e aprendendo com as situações. E como ainda estava solteira, livre como um táxi e com a autoestima derrubada pelo fim do romance, muitas vezes preferia estar na companhia de um homem do que sozinha, ainda mais enquanto me sentia numa espécie de limbo, sem outras mulheres no radar, sem estabelecer novas redes de amizade e afinidade, presa entre o passado e a ideia de um futuro mais feliz. Foram tempos solitários e cheios de ansiedade, em busca da minha tribo. Será que eu realmente encontraria uma?

O mais curioso, contudo, é que acabei tendo algumas das minhas melhores aventuras e experiências sexuais justamente nesse período – e foi com homens. Mais especificamente com dois deles. Acho que o fato de ter passado a fronteira entre a repressão e a vivência catártica da minha sexualidade com outra garota me libertou de uma tal maneira que o meu orgasmo com eles se tornou mais potente, sem vergonha e orgulhoso de si. Obviamente também pesa nessa equação o fato de que se tratava de dois belos exemplares da espécie humana de gênero masculino, possivelmente os primeiros a cumprir com todas as idealizações das fantasias eróticas da minha adolescência. Eles gabaritaram e não poderiam ser desperdiçados, certo? Eu aproveitei! Sem culpa, sem pressão e sem perspectivas, na leveza do momento.

A própria Escala de Kinsey, criada em 1948<sup>9</sup>, aponta que é raro encontrar pessoas totalmente heterossexuais ou totalmente homossexuais. A maioria se encaixa na bissexualidade. Não é por acaso que a escala apresenta 7 categorias diferentes, que separam

---

<sup>9</sup> A Escala de Kinsey foi publicada pela primeira vez no estudo “*Sexual Behavior In The Human Male*” (1948) e consultada para este texto no dia 27 de setembro de 2019 pelo site oficial do *Kinsey Institute*: <https://www.kinseyinstitute.org/research/publications/kinsey-scale.php>

peessoas monossexuais e cisgêneros numa abrangência que vai de exclusivamente heterossexuais a assexuais. Apesar disso, é duro perceber que, certamente, depois de tantas décadas, a bissexualidade ainda é tão condenada e malvista – inclusive pelos homossexuais. Em praticamente todos os grupos gays que passei a conhecer e frequentar, bissexuais são prevalentemente vistos como pessoas indecisas, em cima do muro, infiéis, dúbias, falsas, que se escondem enquanto os outros lutam, que não são confiáveis, que não querem se assumir. Há também uma parte do coro moralista que acredita que bissexuais são pervertidos, confusos ou perdidos. E ainda tem os que consideram a bissexualidade uma mera fase de transição entre a hetero e a homossexualidade. Pela minha experiência, quase todos os donos da razão querem impor o que pensam sobre a sexualidade humana e se acham verdadeiros juizes. Fui e sou julgada todos os dias. Acho que todas as carapuças mencionadas até podem servir a uma série de pessoas, mas tais generalizações e acusações acabam sendo injustas e preconceituosas com boa parte dos bissexuais. As coisas são não tão simplistas assim.

### *Hetero e homonormatividade feminina: a super-heroína deslocada*

Os papéis masculinos e femininos estão sedimentados há milênios e, independentemente dos períodos históricos em que a homossexualidade foi mais aceita ou reprimida, ficamos com uma herança heteronormativa que é maléfica para a sociedade e limitadora para a experiência humana. A própria Safo de Lesbos (630 a.C. e 604 a.C), provavelmente a primeira lésbica conhecida da História, subverteu a heteronormatividade ao tornar-se uma notória poeta na Grécia Antiga, quando a poesia, assim como o esporte, a filosofia e a política eram atividades masculinas. A homossexualidade masculina foi considerada normal e até bastante



aceita em diversos formatos<sup>10</sup>, em sociedades e períodos históricos que remontam a Grécia e Roma antigas, mas quase não se fala dos desejos e da sexualidade feminina. São milhares de anos de repressão sobre a sexualidade e a expressão feminina, especialmente aquelas que fogem aos padrões. Mesmo sobre Safo se sabe pouca coisa – somente uma pequena parte das obras dos poetas daquele tempo atravessou o tempo até o século XXI. Se as mulheres hétero foram pouco documentadas, as homossexuais menos ainda! São muitos os boatos e suposições que envolvem até mesmo princesas e rainhas, mas os relacionamentos gays entre mulheres são muito menos estudados e conhecidos do que os relacionamentos gays entre homens.

Não é difícil entender por que as paradas da visibilidade lésbica, ainda tímidas no Brasil, estejam crescendo e merecendo aparecer em todo o mundo. A indústria cultural pouco dá espaço a mulheres lésbicas e, quando o faz, aposta em representações estereotipadas, visões jocosas – como a da marchinha carnavalesca da Maria Sapatão –, ou na reprodução de lésbicas saídas das fantasias sexuais masculinas. O longa-metragem francês “Azul É a Cor Mais Quente” (La Vie d’Adèle), vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes de 2013, causou polêmica nesse sentido. O diretor Abdellatif Kechiche foi acusado de abuso e assédio moral pelas atrizes<sup>11</sup> que protagonizam na tela um romance lésbico juvenil cheio de cenas de sexo que beiravam a pornografia, onde até a comida ganha um duplo sentido explícito.

Para além desta controvérsia, um outro debate protagonizou a discussão nos feudos lésbicos das redes sociais: a de que as cenas foram imaginadas por um homem para agradar outros homens. Algumas lésbicas vieram a público reivindicar a verossimilhança das cenas. “Eu não transo desse jeito. Nós não transamos desse jeito. As

---

<sup>10</sup> Vicki León in “O prazer do Sexo - Uma celebração da luxúria, do desejo e do amor na Antiguidade”. Editora Apicuri.

<sup>11</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/a-historia-ocultada-do-abuso-contra-atrizes-de-azul-e-a-cor-mais-quente.htm>

lésbicas não transam desse jeito. Isso vem da imaginação suja dos homens! Isso não existe.” Não me espantou o fato de que os moralistas de plantão sempre se atêm muito mais às representações do sexo do que ao enredo da história em si. No fundo, era uma história sobre o amor, o sentimento de inadequação e a descoberta do desejo, mas isso ficou em segundo plano pra muita gente.

Cheguei a discutir com aquela minha primeira namorada e com a minha amiga lésbica que morava fora do Brasil. Ok, Kechiche me causa repúdio pela humilhação a que submeteu as atrizes. Beleza, sua câmera é heteronormativa e intrusiva, entendo todas as críticas a respeito e concordo com boa parte delas. Mas por que diabos não posso simplesmente gostar das cenas do filme ou me excitar com elas, considerando que o conteúdo é de sexo praticamente explícito entre duas mulheres atraentes? E seu transar igualzinho a elas? Por que cargas d’água eu tenho que fazer o sexo que as lésbicas com o megafone das redes sociais querem que eu faça? Devo pedir a benção e o atestado de pureza do júri lésbico para definir como vou transar? Não vou obter meu visto lésbico se não obedecer à “homonormatividade feminina”? Fiquei assustada com certo puritanismo revestido da mais pura repressão. A velha sexualidade feminina oprimida por milênios! Diga-se de passagem, a protagonista Adèle (vivida por Adèle Exarchopoulos) me provocou imediata identificação: a descoberta do real desejo, o coração partido, um antes e depois na vida, um futuro incerto. Outra super-heroína deslocada tanto da hétero quanto da “homonormatividade”.

Rebobinando a fita, é importante dizer que, ao contrário do que se imagina do lado de fora da bolha, homens e mulheres gays não necessariamente andam juntos. Nenhum dos meus amigos gays conhecia muitas mulheres lésbicas e as poucas que eles chegaram a me apresentar não faziam meu tipo, nem tinham referências parecidas com as minhas. Nem o assunto batia. Também é errado pensar que todos os gays são iguais e frequentam o mesmo tipo de ambiente, cheio de promiscuidade, droguinhas e música eletrônica ou que toda boate gay é caricata como os héteros imaginam, cheia de cores, purpurina, maquiagem e drag queens. Fui a algumas dessas boates

gays mais “fervidas” de São Paulo e praticamente todas as mulheres que vi eram as amigas hétero dos gays. Não era um lugar propício para a paquera lésbica, embora eu tenha adorado a autenticidade, a alegria e a diversão desses lugares. Meus amigos gays faziam a linha “indie”, ouviam rock alternativo, nem de longe se pareciam com as “bichas bombadas de academia”, habitués de eventos na The Week<sup>12</sup>. E nunca tinham nem ouvido falar em festas lésbicas. Isso tornava o meu novo encaixe cada vez mais difícil e eu me angustiava com a busca por uma nova identidade.

Por isso mesmo é que minha estratégia era tentar encontrar garotas em aplicativos de paquera e, paralelamente, tomar coragem para ir sozinha a uma dessas festas. Tal qual uma imigrante em terra estrangeira, sem documentos, credenciais ou parentes importantes, além de nenhuma fluência no dialeto local, comecei a frequentar as primeiras festas lésbicas que descobri pela internet. Primeiro tentei uma festa lésbica que rolava mensalmente num inferninho roqueiro na Rua Augusta. O lugar estava vazio. Passei a maior parte do tempo tentando socializar na área de fumantes, na fila do bar ou na fila do banheiro. Surpreendentemente, encontrei apenas meia dúzia de lésbicas, todas roqueirinhas indies, apenas uma levemente interessante à primeira vista. O problema é que elas fizeram uma roda e passaram horas conversando entre si no meio daquela música alta ou olhando para o chão. Nenhum flerte. Apenas uma noite em vão e R\$ 200 jogados fora num momento em que o dinheiro não estava exatamente sobrando.

Como prêmio nesse Grand Slam da Derrota, ainda acabei sendo beijada à força por um cara bêbado no fim da noite. Foi aí que eu aprendi que muitos homens héteros enxergam festas lésbicas como oportunidades de satisfazer a curiosidade e, quem sabe, realizar suas previsíveis fantasias voyeurísticas, ou mesmo de participar de algum envolvimento quente com uma lésbica. Eles não entendem que lésbicas são lésbicas, que elas não estão sentindo

---

<sup>12</sup> Uma das maiores e mais famosas boates gays de São Paulo, majoritariamente frequentada por homens.

“falta de um pau”, que elas não se tornaram lésbicas “por falta de homem” e que, se elas estão numa festa lésbica, é porque definitivamente não estão procurando homens! E eu não deveria ter que explicar que o fato de me entender como bissexual não implica que eu queira ou seja obrigada a “passar o rodo” e pegar todo mundo, homens e mulheres, certo?

Minha segunda experiência numa balada lésbica me ensinou uma nova lição difícil de digerir: a de que o machismo é quase sempre uma postura agressiva, impositiva e explícita, muitas vezes reproduzida até pelas mulheres – inclusive as lésbicas. Dessa vez, fui sozinha a uma festa famosa, com vários anos de existência, num lugar bem grande. Ali, passei a noite observando toda a fauna, sempre dentro dos estereótipos. Havia três clubes: o das caminhoneiras, o das intermediárias e o das superfemininas. Embora muitas aparências enganem, minha impressão era a de que os casais tinham papéis clara e orgulhosamente definidos, com a ativa e a lady (passiva) lado a lado, sendo que a mulher mais masculina do casal quase sempre exibia os mesmos sinais de possessividade que os homens hétero exibem em público com suas parcerias. Eu ficava tentando identificar quem seriam, entre as solteiras, as “relativas”, mulheres versáteis que podem atuar como ativas e ladies. Não faço nenhum juízo de valor entre os papéis sociais ou sexuais de ninguém, e talvez esses papéis não sejam sempre fixos, porém dou mais certo com as relativas.

Saldo da noite: fui paquerada por várias figuras que reproduziam outras manias invasivas de homens hétero – como pegar na cintura, no cabelo e tentar puxar pela mão – e não consegui paquerar ninguém, pois não tinha a menor ideia de como “xavecar” uma mulher. Afinal, no meu passado hétero e na minha única experiência homossexual até então, eu sempre tinha sido paquerada, nunca havia tomado a iniciativa. No fundo, ainda havia em mim um traço conservador da educação heteronormativa e machista das mulheres. E para completar, eu era um bocado insegura e tinha medo da rejeição. Antes de ir embora, ainda testemunhei uma cena patética, uma ação igualmente copiada do

esgoto do mundo dos machos cisgêneros menos evoluídos. Uma mulher alcoolizada saiu no soco com outra que, supostamente, havia dado em cima da sua namorada.

Enquanto isso, o Tinder e o Brenda, um aplicativo de paquera só para mulheres, mais pareciam campos minados. Todo lugar em que eu pisava escondia uma bomba que explodia. Meu Deus, quanta gente louca! Apesar dos vários shows de horrores, a experiência pelo menos me serviu para algumas coisas. Foi aí que eu entendi o porquê da enorme rejeição das mulheres lésbicas assumidas pelo “negócio arriscado” das bissexuais. Comecei a ser um alvo muito frequente de mulheres “iscas”, cujas fotos bonitas e sensuais escondiam suas reais intenções: sexo casual ou amizade colorida a três, incluindo seus maridos ou namorados. Outras diziam que estavam em um relacionamento heterossexual aberto – ou fechado –, sem perspectiva de término, porém a fim de uma parceira ocasional, ou uma “amiga colorida” a longo prazo, quase sempre de maneira “discreta”, ou seja, no armário. Nada contra o menage a trois, mas por mais que me entendesse como bissexual, eu não queria ser um acessório, um objeto para apimentar o relacionamento alheio. Finalmente, em uma dessas conversas virtuais, quase fui vítima de um perfil fake. Por fora, uma bela viola loira, de olhos azuis, papo convincente de arquiteta bem-sucedida. Por dentro, um homem mentiroso, claramente doente (ou perverso) que descobri estar por trás do codinome de Bianca, com perfis falsos em vários apps de paquera, tendo as lésbicas como alvos principais.

Cheguei a avisar no meu perfil que não estava a fim de sexo a três, nem de gente casada ou com compromisso sério, tampouco de gente no modo “vai e volta” com o(a) ex! Encerrei rapidamente todas as conversas com as mulheres que, mesmo solteiras, se declaravam como “curiosas” e evitei o fetiche de iniciar outra garota hétero no mundo gay. Mesmo assim, continuei no elo perdido entre certos grupos de garotas lésbicas que eu estava conhecendo aos montes naquele período. Compreendo o lado delas, mas ainda discordo e não me encaixo em exigências que me parecem neuróticas demais ou mesmo paranoicas. Muitas se sentiam inferiorizadas em relação aos

homens e nitidamente rivalizavam com eles. Outras evitavam até mesmo a convivência social com homens.

Algumas eram ressentidas e julgavam errado que elas estivessem se assumindo, se expondo, sofrendo represálias na sociedade e até “levando porrada” enquanto as outras supostamente se escondiam no teoricamente cômodo terreno das bissexuais. Tive um breve affair com uma garota do Tinder que disse que tinha nojo de ficar com mulheres que transavam com homens, dizendo que o sexo deles é sujo, que o esperma deles é poluído. Posso imaginar os traumas delas e acho que elas têm razões para a autopreservação, mas tudo isso me soou ironicamente muito preconceituoso e um bocado autoritário.

Assim, afunilando os affairs que passavam para a vida real, fui mostrando e praticando meus superpoderes de filtragem e seleção com maior frequência, fui ficando mais à vontade com a minha sexualidade e mais confiante na capacidade de desenvolver alguma intimidade com outras mulheres. Foi um bocado difícil porque, em tempos de amores líquidos, nada durava mais do que algumas semanas. Parecia maldição: quando eu começava a gostar de alguém, alguma coisa dava muito errado ou a princesa virava sapa (sic). Por outro lado, fiz amizades. Com essas novas amigas, comecei a frequentar alguns eventos e montar meu próprio álbum de figurinhas feminino.

Passei a chamar um certo grupo expandido de Clube das Sapinhas Cocotas. A maioria das frequentadoras tinha entre 20 e 35 anos e pertencia às classes mais abastadas. Todas estilosas, de alguma maneira. Algumas bem bonitas, outras bonitas e chatinhas. O clima dessas festinhas e eventos era forçadamente cool, todo mundo fazendo carão, ouvindo um som moderninho e bebendo bons drinks. Tanto carão e bons drinks que ninguém se pegava! E ainda tinha outro problema: a fulana já tinha namorado com a beltrana, que a traiu com a sicrana, que agora namora com uma quarta pessoa, que está paquerando uma quinta, que brigou com a amiga fulana. Todas simultaneamente na festa, em pequenos grupinhos que mais pareciam estar na hora do recreio da escolinha,

fazendo uma fofquinha e falando mal das amiguinhas. O pior do comportamento estereotipado, fútil e cheio de picuinhas geralmente atribuído pelos machistas ao mundo feminino! Depois de várias festas, eu já havia perdido a paciência.

À esta altura, vocês devem achar que eu não gosto de nada ou de ninguém, que sou muito azarada e que o problema sou eu. Que estou mais para a desastrada Mulher Gato do que para Mulher Maravilha. Que tenho preconceito com o mundo lésbico e me julgo superior. Que sou antissocial. Confesso que também me perguntei se o problema não era comigo e não sabia como potencializar meus superpoderes. Achei que estava fadada a ser o Bloco da Eu Sozinha. Não conseguia dançar conforme as músicas – eu preferia kd lang, elas amavam Ana Carolina. Isso porque ainda não cheguei nas baladinhas em que as bandas de Cocotas Sapinhas se apresentavam musicalmente. Era sempre o mesmo formato. Havia sempre uma cantora com um violão na mão e uma horda de *groupies* ovulando para ela na primeira fila. Poderia ser um show do Bon Jovi ou de alguma *boy band*, o comportamento era o mesmo. Só faltava sair sangue dos olhos competitivos com os quais elas encaravam umas às outras enquanto disputavam a cantora, que namorava com a DJ modelete que assumiria as pick-ups ao fim do show. Uma panelinha!

A boa notícia é que eu me dei bem com parte das cocotas. Dormi com umas, transei com outras, fui aprendendo a me aproximar, jogar meu charme, meu xaveco, meu “sambárilove” de maneira bem peculiar. As cocotas faziam o papel de “finas” durante as festas, mas se soltavam no WhatsApp e afins. Muitas se soltavam só até a página 2, provocando primeiro e fazendo-se de pudicas depois. Sim, eu era uma estrangeira me habituando com o novo país e aprendendo a linguagem da sedução entre mulheres. Ficava cada dia mais à vontade com a minha identidade de jovem Mulher Maravilha, a amazona grega com superpoderes e dona de papéis corajosos, poderosos e tipicamente masculinos. Mas na maior parte do tempo, especialmente à luz do dia, eu ainda precisava caber na discreta e misteriosa identidade de Diana Prince.

Paixão, amor ou coisa parecida, só veio mesmo depois, no reencontro com uma antiga colega de escola, uma verdadeira gata, com muitos pontos em comum comigo. Mas a nova musa tinha um problema que eu, valente, destemida e imatura, resolvi enfrentar: era casada com um homem. Me confrontei novamente com um dos motivos pelos quais mulheres lésbicas tendem a temer e evitar bissexuais e entendi como elas se sentem. Afinal, seria muito cômodo para a minha amante continuar com seu conveniente casamento de fachada enquanto frequentava motéis com outra mulher às segundas-feiras à tarde, com o álibi do horário comercial.

Ela já tinha tido um caso com uma outra mulher e se declarou diversas vezes apaixonada e louca por mim, mas as minhas fantasias juvenis haviam mudado e agora eu não queria uma vida bifurcada com amores escondidos. Não queria ser delegada a essa posição, nem impor isso a ninguém. Eu queria uma mulher que me assumisse, uma vida por inteiro. Ela não podia ou não queria me dar isso naquele momento, por diversas questões que incluíam uma família conservadora e vínculos financeiros. Meses depois do fim, descobri que ela havia deixado o marido para ir embora com outra mulher. Foi como se um meteoro tivesse caído sobre mim e, de tanta raiva não devidamente descontada em aulas de boxe e *muay thay*, eu achei que fosse explodir.

*Relacionamento lésbico na prática: o relacionamento real entre Mulher Maravilha e Xena*

*Próximas como duas páginas em um livro  
elas lêem uma à outra no escuro  
(Elizabeth Bishop)*

Tudo isso só começou a mudar 5 anos depois da minha primeira relação homossexual. Foi quando, uma semana antes do meu aniversário de 33 anos, eu conheci a linda, loira e bem-humorada Elizabeth num improvável aplicativo de paquera, o Happen. Dessa vez, ao invés do campo minado de sempre, a notícia



bombástica seria o início do meu primeiro relacionamento sério com uma mulher. Eu havia saído da casa da minha família e estava há pouquíssimo tempo morando sozinha no meu primeiro apartamento, curtindo a vida adoidada, com baixa expectativa de encontrar alguém para namorar naquele momento. Depois de tantas tentativas e erros, eu estava muito desanimada e descrente nos envolvimentos sólidos, tanto que já havia me acostumado com os líquidos. Estava cansada dos aplicativos, mas também havia poucas opções de festas e encontros sociais para mulheres que eu realmente gostasse. As poucas amigas lésbicas que fiz pelo caminho estavam namorando. E as amigas hétero tinham zero interesse em ir a encontros lésbicos. Algumas até sofrem do mesmo problema da maioria dos homens hétero: medo do assédio de uma pessoa do mesmo sexo, talvez o medo da “sapatice” pegar.

O fato é que Elizabeth não apenas me paquerou, mas investiu, insisti e até me assustou um pouco com sua persistência devotada em me reencontrar após as primeiras vistas. Pelas minhas experiências anteriores, eu estava acostumada a encontros que paravam na terceira vez, às vezes até sem motivo, com gente que simplesmente sumia ou esfriava, às vezes de forma imprevisível. Fique claro que o “ghosting” – termo anglófono para designar o término repentino de um relacionamento sem deixar explicações, com a pessoa sumindo feito um fantasma – é uma prática comum a homens e mulheres. O contrário também acontecia: a pessoa grudava e me sufocava de carências mil já nos primeiros encontros, colocando o carro na frente dos bois, como se uma saída e um beijo na boca fossem um pedido de casamento. Havia também pessoas que desistiam diante do primeiro sinal de diferença ou pequena incompatibilidade, sem dar qualquer segunda chance. Isso sem contar aquelas que gostavam de coletar opções e manter todas à mão, enrolando as demais no famoso “não caga, nem sai da moita”. Eu tinha vivido na pele todos os pontos observados por Bauman (2004) em “Amor Líquido”. No meu instinto de preservação e autodefesa, talvez eu mesma tenha agido de maneira “líquida” com

alguma dessas pessoas, embora tenha dado vários feedbacks e tentado sair de maneira minimamente ética dessas roubadas.

Por isso mesmo é que demorei para botar fé em Elizabeth. Achava que ela fosse mais uma doida. Só três meses depois de nos conhecermos é que começamos a namorar de fato, iniciando um tipo de relacionamento totalmente diferente e novo para mim, em todos os aspectos. A primeira grande mudança foi que, quando eu vi, ela já estava passando 90% do tempo no meu apartamento, não mais na casa dela. Isso nos levou, imediatamente, a compartilhar rotinas que a maioria dos casais demoram um pouco mais para fazer. Pulamos a etapa do namoro e fomos direto morar juntas, nos vendo todo dia, com cara de sono, mau humor e mau hálito pela manhã, tendo de dividir tarefas de limpeza e arrumação domésticas e colocando o assunto “dinheiro e contas a pagar” na mesa do jantar. Esses temas, que geralmente só se conhece a fundo depois de anos de namoro, nós tivemos logo no começo.

Não demorou muito para que as personalidades fortes de ambas comesçassem a aparecer, por mais que o clima predominante tenha sido o de encantamento, excitação sexual e ternura durante boa parte do tempo, com algumas pausas para os choques e brigas. Às vezes, até uma pequena fagulha pode virar um fogaréu. E é por isso que apelidei Elizabeth de Xena, outra heroína grega como eu, que se tornou um verdadeiro ícone lésbico. Ela costuma ser muito, mas muito brava! Mas diferente das relações frágeis de antes, o desafio mútuo de alinhar as expectativas, fazer ajustes, melhorar comportamentos e renovar compromissos, bem como o de gerenciar os espaços de cada uma, foi realmente assumido. Houve e há discordâncias, dificuldades, altos e baixos, crises – algumas vezes precipitadas pela habitual intensidade do comportamento feminino e por conta do período hormonal. A novidade é a constante situação de renovação de compromissos, os planos de longo prazo e os aprendizados a que nos propomos diariamente.

Aos poucos, fomos conhecendo as famílias uma da outra e não tardou para conhecermos os problemas, os desafios e as necessidades pessoais e profissionais de parte a parte. Tudo sem

filtros, na real e na lata. Somos parecidas, em certa medida. Somos de famílias conservadoras da zona norte de São Paulo e praticamente só tínhamos morado na casa dos pais até aquele momento. Estávamos acostumadas com o “colinho” de mãe e a ter pessoas cuidando da casa por nós, enquanto trabalhávamos e estudávamos. Ambas nos formamos em comunicação social e amamos cinema, embora tenhamos gostos e referências diferentes que, para minha positiva surpresa, acabaram se misturando muito bem. Conseguimos nos apoiar mutuamente em relação ao trabalho, que por vezes é tão cansativo e extenuante, nos desafiando a não levar os desgastes e problemas do escritório para a cama e a gerenciar melhor o tempo que passamos juntas, conciliando também nossas vidas e compromissos sociais.

Ambas nos consideramos bissexuais, embora estejamos totalmente entregues e engajadas numa relação lésbica que pretendemos que dure para sempre. Nos entendemos como bissexuais que preferem estar com mulheres e que se sentem completas e felizes no atual relacionamento. Ser bissexual não significa que sejamos infiéis, ou estejamos sentindo falta de homens. Não sentimos falta de ninguém, nos bastamos e não precisamos do palpite ou do julgamento alheio, obrigada. Estamos bastante ocupadas com o nosso relacionamento.

Somos assumidamente um casal para mais de metade das pessoas que conhecemos, mas ainda nos reservamos em alguns meios e com algumas pessoas. Aquela máxima de que “parente é serpente” é verdadeira para os dois lados. Na família dela, parentes homofóbicos tendem a usar isso contra seus pais. Aliás, os pais dela sabem de nós e temos um bom relacionamento. Meu pai tem muitas qualidades, mas também é abertamente machista, homofóbico e impulsivo. Essas três características são potencializadas pelo seu consumo abusivo de álcool. Qualquer coisa que o contrarie pode explodir um barril de pólvora na família, onde todo mundo tem os nervos à flor da pele e cabeças bem fechadas em relação à cultura, política, comportamento e sociedade. Já nos confrontamos muito,

mas hoje administro algumas coisas à distância para evitar certas crises com desfechos imprevisíveis.

Nem eu nem ela nos vemos como covardes por conta disso. Não estamos procurando justificativas para nos manter parcialmente dentro do armário. Apenas criamos, ao longo da vida, nossos próprios mecanismos para nos relacionar com o mundo, tal qual acontece com todas as pessoas, sem exceção. Temos nossos filtros e tomamos alguns cuidados com determinados meios onde até nossas vidas podem estar em jogo devido a tantos discursos de ódio e intolerância propagados abertamente até mesmo pelos altos escalões da política. Já tivemos problemas com taxistas e motoristas de aplicativo extremamente grosseiros e com discurso reacionário, mesmo que a gente sequer pergunte o que eles acham sobre as coisas. Assim, evitamos demonstrações de carinho nesses locais. Temos medo da violência dessas pessoas. Sendo mulheres em um país onde a violência contra a mulher é tão epidêmica, torna-se ainda mais difícil sentir segurança e conforto nas ruas das nossas próprias cidades. Quando nos sentimos à vontade, mostramos carinho em público sem nenhum problema, mesmo em ambientes “não gays”, como shopping centers e restaurantes. Xena e Mulher Maravilha pensam estrategicamente e se resguardam quando necessário.

No horário comercial, em nossos trabalhos, também é assim. No trabalho dela, todo mundo nos conhece e ela se sente segura e protegida numa rede de pessoas LGBT. Embora o chefe seja bolsonarista, ele me trata muito bem, pelo menos socialmente. Não sei, no entanto, se ele nos consideraria uma má influência para seus filhos somente por sermos um casal lésbico. Também não fazemos nenhuma questão de frequentar a casa dele e temos amigos mais interessantes, sem o desprazer dessas hipocrisias e ignorâncias. No meu trabalho, compareço como uma Diana Prince cada vez mais fundida com a Mulher Maravilha. Muita gente sabe, mas alguns ficaram sabendo por fofocas, o que não me surpreende e só prova como as pessoas são despreparadas e tolas. Eu conto numa boa quando há contexto para isso. Nunca me senti vulnerável a perder

um emprego por conta da minha orientação sexual, mas admito que meu meio é mais liberal do que a média. Conheço pessoas em profissões e contextos prevalentemente conservadores e machistas que aguentam isso por conta dos boletos a pagar. Numa situação de crise econômica no país, com menos empregos na praça, o medo reina e tudo isso se torna mais repressivo.

Não descarto a possibilidade de falarem mal de mim ou tirarem sarro comigo pelas costas por essa razão. Já me posicionei veementemente contra falas machistas e homofóbicas nesses ambientes e deixo muito claro que repudio esse comportamento. Sou bastante franca nas minhas palavras e ações em todos os espaços, o que certamente já me trouxe inimigos e fechou portas, enquanto aliados verdadeiros se aproximaram e outras portas se abriram. Viver de acordo com a nossa verdade tem um preço. Óbvio que não posso comparar a minha realidade privilegiada de moça branca, de classe média e aparência feminina com a realidade de tantas lésbicas que já sofreram todo tipo de agressão e preconceito por não conseguirem “camuflar” sua condição. Tampouco com a realidade das pessoas transexuais. Mas isso não significa que eu e Elizabeth não passemos por problemas e coisas desagradáveis por conta disso. O próprio fato de que a orientação sexual ainda importa como critério para desqualificar pessoas é profundamente infeliz e injusto.

E não, não estamos como duas princesinhas encasteladas, se protegendo do mundo enquanto os homossexuais que dão a cara a tapa apanham. (Ontem mesmo li uma discussão de Facebook em que um gay que se julga mais assumido, aguerrido e exposto acusava um gay discreto de covardia e oportunismo. “Você só aparece quando convém.” É um tipo de acusação corriqueira para algumas militâncias). Nós participamos de debates, discussões, eventos, manifestações públicas, protestos na realidade – não apenas na vida virtual –, para o mundo além da Parada do Orgulho LGBT. Não temos vergonha de ser quem somos. O maravilhoso arco-íris da bandeira gay reluz na janela da nossa sala de estar. E toda vez que nos amamos de corpo e alma estamos existindo e

resistindo também. É possível que minha jornada de descoberta nunca tenha fim e que eu ainda me surpreenda comigo mesma ou com a potência e a variedade dos meus próprios poderes. Talvez seja esse o meu modo de viver bem, de estar inteira nesse mundo.

*Q&A – Mitos e verdades sobre lésbicas e bissexuais (com base na minha experiência e observação empírica)*

1) **“Sapatão não namora, sapatão casa!”**

**Verdade.** Com 90% dos casais lésbicos que conheço, foi exatamente assim. Mal começa a namorar e já junta as calcinhas no mesmo varal!

2) **“Duas TPMs na mesma casa deve ser demais!”**

**Verdade.** É bem difícil contornar o período menstrual uma da outra e a famigerada TPM. Mas isso não acontece só em relacionamentos amorosos, mas também em amizades, entre membros da família e no trabalho. Portanto, vale ter paciência com aquele choro despropositado e relevar aquela ferradura lustrada, novinha em folha, pronta para dar o coice! A patada de hoje é o denguinho de amanhã (e vice-versa).

3) **“O relacionamento lésbico é mais intenso”.**

**Meio mito, meio verdade.** Claro que isso faz todo o sentido para as lésbicas, não é? E gostamos disso! Acredito que mulheres costumam expressar mais as emoções do que os homens. Mas não podemos tomar isso como regra, pois certamente há relações hétero e entre homens com grande intensidade de emoções.

4) **“As lésbicas nunca encontraram um homem de verdade...”**

**Mito.** As lésbicas apenas gostam de mulher. Elas podem até ter tido relações sexuais e afetivas satisfatórias com homens

anteriormente. Aliás, hétero que é hétero se mete em cada fria que é melhor não comentar!

**5) “Lésbicas precisam usar consolos para substituir o pênis nas relações sexuais”.**

**Mito.** Lamento desapontar as pessoas com fixação pelo falo, mas o sexo lésbico não necessariamente precisa disso. Aliás, ele é maravilhoso sem isso! Depende da preferência de cada casa: tem gente que adora e faz questão, que gosta de vez em quando, que apenas tolera e que simplesmente não gosta de penetração.

**6) “Sempre existe um macho e uma fêmea nas relações amorosas entre mulheres”.**

**Mito.** Essa falácia tem base no comportamento heteronormativo, mas a vida real é bastante diversa. Em muitos casos há uma mulher mais masculina em termos de visual e comportamento e certamente há relações com papéis definidos de “ativa” e “passiva”, mas isso não é uma regra.

**7) “Bissexuais são pessoas indecisas, dentro do armário ou apenas em transição”.**

**Mito.** Até pode haver pessoas que se declaram bissexuais por conta desses fatores, mas em boa parte das vezes os bissexuais sofrem verdadeiras injustiças e preconceitos com esses estigmas.

*Considerações finais (do Organizador)*

Este texto realmente ilustra muito bem as dúvidas e anseios de várias pessoas do sexo feminino que, independentemente da faixa etária, já pensaram, pensam ou pensarão algum dia em assumirem relacionamentos homoeróticos ou bissexuais. Em minha experiência, como psicólogo especializado em abordar as dificuldades do relacionamento amoroso, vejo quantos são os

denominadores comuns entre a história real da nossa protagonista e a vivenciada cotidianamente por várias pessoas como essa. A homossexualidade pode ser, infelizmente, hoje ainda considerada como uma situação-problema específica. Muitas vezes, nem tanto para as pessoas que compartilham de uma natureza homoerótica para seus relacionamentos afetivo-sexuais, mas para o seu entorno próximo, uma vez que pais e parentes criam várias expectativas, preconceitos e preocupações assíncronos com as vivências homossexuais ao invés de procurar dar mais apoio e agir com mais empatia em relação aos seus entes queridos. Há aqueles que oprimem os filhos com chantagens, xingamentos e humilhações diversas. Quer conferir uma situação aberrante como essas? Basta acessar algum link para o YouTube e digitar algo parecido como: “Trolei a minha mãe/pai dizendo que eu era gay”, para você ver a quantidade de reações negativas e constrangedoras, se fosse realmente uma confissão e não um ‘experimento social’, para vermos o quanto estamos distantes de uma convivência respeitosa com o que o outro escolhe como adequado para si mesmo.

Até foram criados ambientes para acolher pessoas que se declararam homossexuais para os pais e sofreram retaliações severas por tal atitude, como serem agredidos ou expulsos de casa. Para quem quiser conhecer um pouco mais o trabalho dessas casas, ou precise recorrer a elas, peço que acesse o site: <https://projeto colabora.com.br/ods5/casas-dao-abrigo-para-lgbts/>

Logicamente não proponho qualquer solução que seja uma panaceia com vistas a um entrosamento harmônico entre a heteronormatividade e o homoerotismo, mas, de certo, nossas posturas, sejam elas de que natureza forem, merecem ser pensadas e repensadas em favor de criar uma sociedade com menos parâmetros do que eu julgo certo e errado e mais aproximações com qualquer que seja a natureza do outro que comigo convive.



## Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.